

SESSÕES DO PLENÁRIO

26ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 02 de maio de 2018.

PRESIDENTE: DEPUTADA NEUSA LULA CADORE (AD HOC)

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore):- Bom dia a todos e todas, sejam todos e todas muito bem-vindos.

Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão de outorga da Comenda Dois de Julho ao professor Antônio Albino Canelas Rubim, nos termos da Resolução nº 1.087/2018, proposta pelo nosso mandato.

Convido para compor a Mesa a Sr.^a Deputada Estadual Fátima Nunes; o Sr. Deputado Federal Afonso Florence; a Sr.^a Procuradora Regina Carrilho, representante da procuradora-geral de Justiça, Ediene Lousado; o Sr. Vice-Reitor da Universidade Federal da Bahia, professor Paulo César Miguez; o Sr. Presidente do Conselho Estadual de Cultura, Emílio Tapioca; o Sr. Diretor da Fundação Pedro Calmon, Zulu Araújo. (Palmas)

Agora, solicito ao cerimonial para que conduza a este recinto o nosso homenageado, o professor Antônio Albino Canelas Rubim. Ele será adentrado ao som da Orquestra Santo Antônio, de Conceição do Coité.

(O homenageado adentra ao Plenário.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore):- Convido todos os presentes a ficarem em pé para a execução do Hino Nacional. (Palmas.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore):- Nós agradecemos a apresentação belíssima da orquestra de Coité. E agora a gente vai compartilhar um pouco mais da trajetória de vida de nosso querido professor Albino. Será apresentado aqui um vídeo para falar um pouco dessa trajetória maravilhosa.

(Apresentação de vídeo.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore):- Eu passo a presidência da Mesa para a deputada Fátima Nunes, para que eu possa fazer o meu pronunciamento.

A Sr.^a PRESIDENTA (Fátima Nunes Lula):- Bom dia a todos e a todas, é com muita satisfação que a gente ouvirá agora a palavra da proponente desta sessão e desta comenda, a deputada Neusa Cadore.

A Sr.^a NEUSA LULA CADORE:- Eu quero saudar a deputada Fátima Nunes, que preside neste momento a nossa sessão; saudar o deputado federal Afonso Florence; saudar a Sr.^a Procuradora Regina Carrilho, representando aqui a Procuradoria-Geral da Justiça; saudar o Sr. Presidente do Conselho Estadual de

Cultura, Emílio Tapioca; saudar o Sr. Vice-Reitor da Universidade Federal da Bahia, professor Paulo César Miguez; saudar o Sr. Diretor da Fundação Pedro Calmon, Zulu Araújo; saudar Guile Rubim, esse menino bonito que está aqui na Mesa representando a família do homenageado – começou cedo, viu Guile? –, e saudar com muito carinho, com muito agradecimento, o nosso homenageado, professor Antônio Albino Canelas Rubim. (Palmas)

Esse é um momento muito especial, em que (lê) “(...) a Assembleia Legislativa tem a alegria de se tornar a casa da diversidade e reunir aqui os familiares, os amigos, os companheiros, as companheiras da vida acadêmica, estudantes, artistas, lideranças políticas, para expressar uma coisa que é muito forte no nosso coração: o nosso reconhecimento ao professor Albino pela contribuição que ele deu, que ele dá, pela sua trajetória pessoal, pela sua trajetória profissional, pela sua militância que representa muito aqui para o nosso estado.

A cultura é capaz de romper fronteiras, promover encontros e construir laços. Eu conheci o professor Albino há alguns anos, nas Semanas Culturais, lá de Pintadas, construindo – como ele fez em tantos lugares – o debate da cultura, o debate das políticas culturais, sempre na perspectiva do desenvolvimento. Sempre nos chamou a atenção aquilo que para todos é muito claro: essa simplicidade. Uma simplicidade de um homem que tem uma capacidade intelectual rara e é capaz de transpor as barreiras da academia, para construir o diálogo lá na base, com todos os segmentos dessa Bahia tão plural.

E eu quero tomar de empréstimo uma afirmação do professor José Machado Pais, da Universidade de Lisboa, que muito bem descreve o professor Albino: um homem de sorriso largo e tranquilo, um homem de pontes e afetos.

Por tudo o que convivemos – e aqui tem muitas pessoas que são testemunhas vivas do que eu estou falando –, pela trajetória que nós acompanhamos da sua irretocável biografia até aqui, a gente não tem dúvida: essa ponte construída por você tem possibilitado infinitas trocas culturais, fazendo reverberar o novo pensamento sobre o lugar central da cultura no mundo contemporâneo.

Não temos dúvida de que o grande reconhecimento que a área cultural ocupa hoje é fruto de um caminho que foi pavimentado de forma muito especial pelas suas mãos e a de muitos, que eu gostaria até de citar, que nos acompanham nesse momento.

Um trabalho que contribuiu para a construção de um projeto nacional, que pudesse acolher a diversidade social e cultural do Brasil com políticas voltadas para todos os segmentos da sociedade, política para o sertanejo, política para as mulheres, para os negros, para a comunidade LGBT, de forma democrática e ampla. Um projeto, professor Albino, que ajudou o Brasil e se enxergar em toda a sua diversidade, como nunca antes na história deste país. Os Pontos de Cultura espalhados pelo Brasil afora são um grande exemplo disso.

Hoje estamos diante de um grave retrocesso social nas conquistas e políticas públicas e num grave retrocesso civilizatório, com o crescimento do ódio, da

intolerância, onde o autoritarismo e o fascismo têm marcado a nossa história e os nossos dias.

Temos assistido a cada dia à perseguição política, deliberadamente com o propósito de aniquilar as forças da esquerda. Temos visto o ataque à liberdade de expressão e manifestação, a censura na educação, com a Escola Sem Partido, com a tentativa de cercear a disciplina sobre o golpe nas universidades, com a concentração cada vez maior dos meios de comunicação de massa, com o avanço do capitalismo como nunca sobre os direitos da classe trabalhadora...”.

Então acho que é muito apropriado, é muito significativo, nesta manhã de 2 de maio, estarmos aqui com o nosso grande companheiro Albino Rubin. Você nos inspira.

(Lê) “(...) É tempo de nos reinventarmos, reinventarmos as nossas estratégias de luta, arregimentar mais forças para essa grande batalha em defesa da democracia, com a Cultura sendo um lugar privilegiado de construção de novos saberes e práticas. Professor Albino, de todo nosso coração, muito obrigada, por sua contínua contribuição na formação dessas gerações...” – você ainda está jovem, mas por sua mão, por sua história, por seu caminho, passou muita gente – “(...), por sistematizar um conjunto de elementos que servem muito para iluminar a nossa prática e por fazer tudo isso de forma leve, espontânea e afetuosa.

Obrigada por nos dar essa oportunidade de entregá-lo essa Comenda Dois de Julho, a mais alta honraria do nosso Parlamento” (Palmas). Parabéns por toda sua vida, todo seu caminhar, por aquilo que você representa. Você nos inspira. (Lê) “Sigamos pela democracia, sigamos por Lula Livre”. Lula Livre!

(Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Fátima Nunes Lula):- Devolvendo a presidência para a nossa deputada Neusa Cadore.

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore):- E agora, quebrando o protocolo, convido o presidente do Conselho Estadual de Cultura para fazer, também, a sua saudação. Então, concedo a palavra a Emílio Tapioca.

O Sr. EMÍLIO TAPIOCA:- Bom dia a todas e todos.

Este, como tantos, é um momento singular. Não vou aqui me repetir diante da figura humana, da figura pública, do gestor, do professor, do mestre Antônio Albino. Vou falar do cidadão, o cidadão que em toda sua história política e de militância vem trazendo para todos nós uma contribuição para além do campo político, para além do que a gente pode acrescentar em cima da cultura. Tornou ele a cultura mais próxima, junto com tantos outros que o antecederam e muitos que estão aqui.

Bem, me perdoem a quebra de protocolo por não ter saudado a Mesa. Agradeço à deputada Neusa Cadore e aos demais componentes da Mesa pela grande homenagem que se faz, porque eu, também, sinto a paixão pela figura do mestre Antonio Albino.

Albino teve uma prioridade fundamental para nós do Conselho Estadual de Cultura da Bahia. Por isso, gostaria de pautar a minha fala em relação ao Conselho Estadual de Cultura. Aproveito, aqui, para saudar os nossos conselheiros Fernando, Pellegrino, Lidi, Zulu e tantos outros que fizeram parte dessa casa.

O Conselho Estadual de Cultura vive, nos últimos 2 anos, um momento novo. E esta foi uma grande lição do mestre Albino, qual seja, a de tornar eleito o Conselho Estadual de Cultura. Não que isso diferencie do outro no sentido da sua representação, porque devemos, sim, respeitar e reverenciar todos aqueles que, nos 50 anos do Conselho Estadual de Cultura, fizeram valer uma política pública da cultura deste estado.

Mas o fato deste Conselho passar a ser eleito pela sociedade foi de fundamental importância para a participação de toda a comunidade cultural deste estado. Hoje temos um Conselho de 30 membros: 10 representantes do poder público; 10 representantes setoriais e 10 representantes territoriais. Recentemente, vimos de um processo de eleição de recomposição deste Conselho.

E a minha fala não poderia ser mais apropriada do que render esta homenagem ao mestre Albino por esta capacidade de atender a um anseio vindo das conferências, vindo da participação da sociedade, mas tornou ela, de forma consolidada, que nós estamos no exercício a construir.

Nosso muito obrigado.

Salve o mestre Albino!

Salve o 2 de Julho!

Salve todos os participantes!

Bom dia para todos nós. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Neuza Lula Cadore):- Muito obrigada.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore):- Agora, eu convido, para fazer uma apresentação, Darlon Silva. Ele vai apresentar o Caboclo Patativa do Assaré. Ele é estudante da UFBA e egresso dos projetos culturais estudantis.

O Sr. Darlon Silva:- Bom dia a todos.

Queria saudar todos.

Trago, principalmente, para cá, uma homenagem a Albino Rubim, porque eu acho muito justo reconhecer alguém que tem uma contribuição tanto em defesa da cultura com alguém que, realmente, transpira a questão das políticas culturais.

Queria trazer esta homenagem pensando já na questão do título desta Comenda Dois de Julho. A imagem do 2 de Julho é muito representativa para nós e, à sua frente, tem uma imagem muito simbólica, falada no vídeo apresentado sobre o relato da trajetória de Albino Rubim, que é o Caboclo.

O Caboclo é a própria representação do que é o 2 de Julho e do que vem à frente. O Caboclo seria mesmo a síntese das nossas matrizes. Nas raízes europeia, africana e indígena, você vai encontrar todos os elementos ali presentes.

Assim também é a contribuição de Albino Rubim, pois ele é possuidor de cultura, engajado em movimentos sociais e um pesquisador. Ele tem um senso crítico. Isso são características para valorizar a nossa cultura.

Eu trago aqui uma interpretação de um poema de Patativa do Assaré chamado o “*Poeta e a Roça*”.

(Procede-se à apresentação do poema.)

Viva a Patativa do Assaré!

Viva a Albino Rubim!

Viva, principalmente, ao 2 de Julho! (Palmas)

O 2 de Julho tem um teor histórico libertário. Aqui, no começo, foi trazido para a gente o Hino Nacional, mas, de fato, o hino que eu considero é o Hino ao 2 de Julho, porque quando houve o combate, houve, também, os elementos construídos pelo povo. É isso: gratidão.

Valeu!

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore):- Obrigada, Darlan.

Agora eu convido novamente a Orquestra Santo Antônio de Coité para a apresentação de duas músicas: *Rei do Baião*, de Luiz Gonzaga, e *Andar com Fé*, de Gilberto Gil.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTE (Neusa Lula Cadore):- Obrigada. *Show!*

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore):- Agora, eu concedo a palavra ao nosso valoroso deputado federal Afonso Florence. Agradecemos pela sua presença.

O Sr. AFONSO FLORENCE:- Bom dia a todos e a todas.

Saúdo a deputada Neusa Cadore, proponente desta comenda; Albino Rubim; e a deputada Fátima Nunes, presente a esta sessão e a presidiu, rapidamente, enquanto Neusa falava.

Saúdo Gui e, em seu nome, saúdo a família. Gostaria de parabenizar, Gui, a sua presença à Mesa, pois ela ficou mais importante ainda ao ser você o representante da família.

Saúdo a Dr.^a Regina.

Saúdo Miguez, amigo e companheiro e, ao mesmo tempo, parabenizo você. Em seu nome, Gui, parabenizo todos os professores, as professoras, os alunos e os servidores da Universidade Federal da Bahia que, de forma unitária, apresentam um projeto de universidade.

E, agora, há a candidatura para a reeleição, que é da universidade brasileira, não só da Universidade Federal da Bahia. Levei, ao professor João Carlos, este registro da bancada dos deputados federais do PT, dos meus colegas.

Zulu, companheiro, parabenizo seu trabalho à frente da Fundação. Emílio, em seu nome, saúdo todos os conselheiros e as conselheiras.

Saúdo a vereadora Marta Rodrigues aqui presente e parabenizo, Marta, todo o seu trabalho na Câmara de Vereadores e nas lutas sociais.

Saúdo Emiliano José, companheiro, amigo; e Pola Ribeiro, que esteve à frente do Irdeb em um trabalho. Saúdo, também, Robinson Almeida, deputado federal suplente, amigo, companheiro nesta trajetória toda conosco e parablenho seu trabalho.

Muito rapidamente, gostaria de dizer a vocês que Albino mais do que merece esta comenda como amigo, como pai, como companheiro, como avô, como ativista social, como intelectual, como gestor da cultura.

A trajetória de Albino faz desta uma homenagem ímpar concedida pela Assembleia Legislativa, pois, como disse a deputada, esta é a maior comenda presenteada pelo Poder Legislativo baiano. Quanto a esta homenagem, Albino, ela, de alguma forma, homenageia todos vocês e todas vocês que dedicam as suas vidas ao ativismo na área da cultura.

E esta é uma longa trajetória profissional, militante, política, mas também de projeto político, como disse Neusa, que aludiu a um encontro com Albino, como gestora, como prefeita, e, como disse Neusa, não só Pintadas, não só o Território da Bacia do Jacuípe, mas, sem exagero, provavelmente centenas e centenas de municípios, todos os territórios, não só da Bahia.

Quanto ao trabalho político no Brasil com repercussão internacional, a figura de Albino iluminou e ilumina a área da cultura. Aqui na Bahia, em especial, há uma trajetória com muita força, muita potência. Aqui, me permitam, em nome das mulheres, citar Fátima Fróes e, em nome dos homens, Toni, pois nós fizemos um projeto também para o governo, porque vínhamos todos, e Albino com muito destaque, nesta trajetória do ativismo da cultura.

E, no programa de governo de 2006, se formulou uma proposta de política cultural para o estado da Bahia que não tinha havido até então. E, a partir dali, cito o papel cumprido pelo 1º secretário dessa história recente que foi Márcio Meirelles. Também, há de se citar, depois, Jorge Portugal e Arany Santana.

Mas, ali, naquele momento, houve uma alteração de rumo histórico para a cultura de 7 ou 8 entidades que tinham convênios com o governo do estado, entidades ligadas às elites, às oligarquias. Nós passamos a ter uma política com o sistema de cultura sendo implantado, o Conselho de Cultura, com a presença dos territórios e da sociedade civil organizada. Passamos a fazer as chamadas públicas.

E a cultura deixou de ser, digamos assim, manifestações artísticas de um segmento da elite política e econômica baianas e passou a ser a política de cultura, passou a ser o fomento, o patrocínio, o apoio do governo do estado com o protagonismo forte da sociedade civil organizada para as expressões culturais na medida do modo de vida do povo baiano ou, poderíamos dizer, dos povos da Bahia: o povo de santo, os sertanejos, as sertanejas, a cultura na região do Cerrado, no bioma do Cerrado, as muitas Bahias culturais.

E, nesse processo, Albino teve um papel fundamental nisso, não só como um secretário, mas como ativista e como intelectual ao longo de todo esse tempo.

E, para concluir minha fala, sou repetitivo sempre quando estou aqui.

Este quadro é um exemplo de que, na Bahia, já foi superada a representação da elite herdeira da escravidão, da cultura das elites, da dominação política, da ausência de oportunidade em todas as áreas, inclusive, na da cultura.

Eu estava dizendo a Gui ali: “Tome cuidado, porque, um dia desses, a sua foto vai estar ali, Gui”, quando a história política baiana mais recente, que seu avô foi um dos líderes, é um dos líderes e tiver, legitimamente, representada no novo quadro na Assembleia Legislativa.

Acho que esta comenda marca este momento. (Palmas)

Albino, parabéns! Obrigado por tudo.

Muitas felicidades para você e para a sua família!

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore):- Obrigada, deputado Afonso.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore):- Dando seguimento, concedo a palavra ao vice-reitor da Universidade Federal da Bahia, professor Paulo César Miguez.

O Sr. PAULO CÉSAR MIGUEZ DE OLIVEIRA:- Bom dia todos.

Gostaria de saudar a Mesa; o deputado Florence, a quem agradeço as suas palavras dirigidas à nossa Universidade; a deputada Fátima Nunes, a Sr.^a Procuradora Regina Carrilho; o presidente do Conselho Estadual de Cultura, querido Conselho, Emílio Tapioca; meu amigo e compadre Zulu Araújo, presidente da Fundação Pedro Calmon.

Saúdo a deputada Neusa Cadore, a quem parabenizo e agradeço o convite em nome da Universidade Federal da Bahia por esta homenagem a esta figura destacada da nossa comunidade, o professor Albino Rubim.

E, Gui, que bom que você está aí! Certamente, você, mesmo sem saber, sem ter muita consciência, a figurinha que certamente carrega o que nós queremos de melhor para o futuro. Um dia, estando ou não aqui na nave, nesta *Gratidão do Povo*, neste barco, você vai poder ter certeza de que o seu pai foi um dos bons navegantes que a nossa terra teve. (Palmas)

Vejam, eu queria...

(Há manifestação em Plenário fora do microfone.)

O Sr. PAULO CÉSAR MIGUEZ DE OLIVEIRA:- O avô, o pai está ali. Olhe! Como eu tenho mais de 40 anos de amizade com Albino Rubim, eu vi o seu pai no tempo em que ele se parecia com você. Ele era pequenininho igual a você.

Como eu disse, são muitas as razões de alegria, hoje, aqui, nesta Assembleia, a mim, pessoalmente, insistindo nessa informação, somos amigos há mais de 40 anos, uma amizade que se desdobrou em muitas formas, em companheirismo, na parceria, inclusive eu tive a honra de ser orientando de doutorado de Albino, quando voltei do exterior. Por tudo, isso, Albino, muito obrigado.

Eu já lhe agradei muitas vezes e não vou deixar de agradecer, mas acho que a homenagem se dirige a outras duas dimensões importantes da sua vida, a primeira delas como membro da Universidade Federal da Bahia, um incansável membro dessa comunidade, e, certamente, a presença de muitos colegas aqui, o professor Messias, diretor do nosso instituto, que você não só ajudou a criar, como foi também o seu primeiro diretor, há muitos colegas aqui, docentes, ex-alunos, ex-orientandos, acho que os ex-orientandos, hoje, aqui, formam um time significativo, colaboradores de todo momento.

Albino, na universidade, não se contentou em ser apenas um excelente professor e um grande pesquisador, foi sempre um inventor incansável de boas coisas para a universidade. Eu destacaria pelo menos duas aqui, de tantas outras, Albino, que você conseguiu construir ao longo de sua vida acadêmica, o Enecult – Encontro Nacional de Estudos da Cultura, coisa rara nesse país, esse ano estaremos realizando o 14º Enecult (palmas), pouca gente, talvez os que não são da área não tenham essa informação, mas é o principal encontro de estudos da cultura que nós temos no país, quiçá, hoje, da América Latina. Isso se deve à insistente e permanente dedicação de Albino Rubim.

Mas, não fica por aí. Na universidade, o próprio IHAC – Instituto de Humanidade, Arte e Ciência certamente tem em Albino uma das figuras que lá atrás ajudou a pensar essa coisa tão importante, essa novidade tão importante da Universidade Federal da Bahia, que eu tenho uma honra imensa em fazer parte do corpo docente.

Mas, a figura de Albino ultrapassa largamente a vida da universidade, e é isso que encanta. Ele sabe, eu me reporto à primeira fala dele naquele vídeo com que iniciamos a sessão, em que ele falava da alegria e do prazer da sua presença na universidade. A universidade é isso, não é, Albino, você sabe melhor do que todos nós, é um dos que melhor sabe que a universidade é o melhor lugar do mundo, não há lugar como a universidade, e especialmente porque essa universidade é o lugar onde nós encontramos pessoas como você, que não só constroem a universidade, mas faz com que a universidade possa construir o mundo de fora, aquilo que está fora dos seus muros, e Albino não deixou por menos essa obrigação.

É uma trajetória reconhecida na Bahia, reconhecida nacionalmente, reconhecida internacionalmente, está aí a fala do Professor Paes, da Universidade de Lisboa. Albino, enquanto membro do Conselho de Cultura, foi presidente do Conselho, eu tive a honra de ser confrade de Albino nesse período, foi um incansável batalhador, pela aprovação por esta Casa tão importante da vida baiana, a Assembleia Legislativa, da Lei Orgânica da Cultura do nosso estado. Certamente é um dos únicos estados no Brasil que dispõe de um marco regulatório inteiramente dedicado à área da cultura.

Não satisfeito, quando assume a secretaria, vai trabalhar, especialmente nos principais instrumentos que o campo da cultura passou a dispor no Brasil, após a gestão

de Gilberto Gil, com o Sistema Estadual de Cultura, o Plano Estadual de Cultura, um plano de formação na área da cultura. Albino nunca descolou do seu olhar essa necessidade de formação, a ideia sempre presente de fazer com que a Bahia não só fosse um estado reconhecido nacionalmente pelo que produz na área da cultura, mas também um estado reconhecido nacionalmente como sendo um centro de formação na área da cultura.

São muitas os feitos, são muitos os trabalhos desenvolvidos por Albino e todos eles em conjunto se unem aqui e garantem a legitimidade dessa comenda, deputada, que mais uma vez agradeço.

Trago o abraço do professor João Carlos Sales. Como disse o deputado Afonso Florence, nós estamos numa agenda dupla esses dias, porque, além da administração quotidiana da universidade, estamos no início do processo eleitoral. A universidade vai agora experimentar o seu momento de vida democrática, de eleição democrática, ele não pôde estar presente, mas me pediu que trouxesse esse abraço apertado.

Albino, você merece isso e muito mais. A Bahia lhe agradece. Os seus colegas da UFBA lhe agradecem. Obrigado, Albino. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore):- Obrigada, professor Paulo Miguez.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore):- Esse seria o momento em que nós teríamos a palavra da secretária da Cultura, Arany. Infelizmente, para nós e para ela, ela até ligou para o professor Albino, ela está acometida de uma gripe muito forte, está praticamente afônica, realmente impossibilitada de estar com a gente. Mas ela, realmente, sentiu muito por não estar aqui. Ela fez parte da sua gestão à frente do Centro de Culturas Populares Identitárias. Ela estava comentando isso comigo. Tem um carinho muito grande. Eu queria registrar essa ausência sentida da nossa secretária.

Queria registrar aqui presente a mãe de Albino, D. Lourdes; a companheira, esposa de Albino, Linda Rubim; Iuri Rubim Filho; a sua nora Sheila Gomes; o neto Guile; as irmãs Rosane e Maria de Fátima Rubim; a sobrinha Manuela Leão; Thyers, desculpe, Thyers, o Cerimonial não colocou o seu nome aqui. É uma alegria muito grande. A gente agradece a família por compartilhar com a Bahia uma pessoa tão especial. (Palmas)

Quero registrar ainda outras presenças muito queridas: o ex-deputado federal Robson Almeida; o nosso queridíssimo ex-deputado Emiliano José; também o companheiro Isaac, ex-deputado estadual; passaram aqui o deputado Marcelino trazendo o seu abraço e o deputado Rosemberg Pinto. Saudar nosso querido Pola Ribeiro, cineasta; o diretor do Museu de Arte da Bahia, Pedro Arcanjo; Ailton Ferreira, assessor da Sepromi; Carla Ramos, subsecretária, que aqui também representa a nossa secretária de Políticas para as Mulheres, Julieta Palmeira, que está em Brasília; nossa ex-vereadora, querida Vânia Galvão; nossa vereadora de Salvador Marta Rodrigues; o diretor do IPAC, Roberto Pellegrino; Cristiane Taquari, chefe de

gabinete da Secretaria de Cultura; Vanessa Cruz, chefe de gabinete da Fundação Cultural do Estado; Osvaldo Barreto esteve aqui também, ex-secretário da Educação. (Palmas)

Registrar a presença da nossa queridíssima Eni Bastos, assessora da secretaria de Educação; do vereador Roberto Silva dos Santos, de Itiruçu. Também está conosco Beth Rangel, coordenadora do curso de dança da UFBA; Nide Nobre, coordenadora de políticas intersetoriais da Secretaria de Educação da Bahia; também o professor Leonardo Costa, diretor em exercício da Facom/UFBA; professor Messias Bandeira, também da UFBA; e demais professores, amigos, agradecemos a todos e a todas.

Eu queria, também, registrar que Javier Alfaya mandou aqui pelo *zap* uma saudação: “Prezada Neusa, companheira de mandatos e lutas, prezado Albino Rubim, parabéns aos dois pela sessão, à parlamentar pela lembrança e iniciativa e à Albino por ser portador de razões para receber a Comenda Dois de Julho, data maior da Bahia. Albino é um dos principais quadros culturais do país, grande articulador responsável pela organização do sistema cultural do estado da Bahia, referência fundamental para a gestão cultural pública em plano nacional. As artes, cultura, ciência e educação devem estar no centro, ao lado de muitos outros aspectos de um novo projeto de desenvolvimento para o país. Isso deve ser levado a sério, essa é uma das teses de Albino e muitos outros que lutamos por um Brasil profundamente democrático, justo socialmente e culturalmente avançado. Parabéns, Albino.” Nosso abraço a Javier que está nos assistindo. (Palmas)

Agora, a gente vai assistir uma apresentação do Toque de Atabaques, de Mãe Rose do Terreiro Ilê Axé Ogum Marinho, que vem lá de São Francisco do Conde. A gente, desde já, agradece, também, a presença de vocês aqui conosco. (Palmas)

(Apresentação do Toque de Atabaques.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore):- Agradecemos ao grupo Mãe Rose do Terreiro Ilê Axé Ogum Marinho.

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore):- E, agora, eu concedo a palavra a Zulu Araújo, da Fundação Pedro Calmon.

O Sr. ZULU ARAÚJO:- Bom dia a todos e a todas. Um bom-dia especial a deputada Neusa Cadore, a quem aproveito para parabenizar pela realização da sessão especial que premia o nosso querido Albino Rubim com a Comenda Dois de Julho; saudar a deputada Fátima Nunes, companheira de luta de longas datas; o deputado federal Afonso Florence, que aproveito para agradecer as palavras, nós nos conhecemos já de há muito tempo; Emilio Tapioca, lá de Andaraí, que preside o nosso Conselho; a Dr.^a Regina, um bom-dia também; e o meu querido amigo, compadre de mais de 40 anos de história de vida juntos que é, Paulo Cesar Miguez de Oliveira.

E, claro, aproveito aqui para saudar, evidentemente, o homenageado. Eu também, assim como Miguez e os cabelos brancos da gente dizem isso, conheço Albino Rubim há mais de 40 anos, desde 1973, da Universidade Federal da Bahia, e do Movimento Estudantil. Não é isso mesmo Miguez? Ele na escola de

Comunicação, Miguez em Economia e eu em Arquitetura. Então, eu não vou aqui repetir aquilo que já foi dito sobre a importância do trabalho de Albino. A dimensão do trabalho que ele desenvolve, e o conteúdo daquilo que ele produz ao longo do tempo.

Eu queria falar basicamente é sobre a homenagem que estar sendo feita a ele: a Comenda Dois de Julho. E, é importante a gente resgatar e ressaltar isso, o 2 de Julho é para todos nós o sinônimo e o símbolo da liberdade. E, eu acho que é isso que o trabalho que Albino desenvolve representa. A liberdade de pensar, a liberdade de poder trabalhar com a cultura, a liberdade de refletir sobre a cultura que é produzida e, sobretudo, por meio dessa cultura, fazer valer aquilo que está posto desde 1549, quando nos trouxeram para cá.

Este ano também, nós estamos celebrando, Albino, e que bom que você estar recebendo a Comenda neste ano dos 220 anos da Revolta dos Búzios. Revolta dos Búzios que praticamente inaugurou um Parlamento como esse. Só que aqueles que inauguraram o Parlamento tiveram suas cabeças cortadas. Foram enforcados, decapitados, esquartejados e distribuídos pelo centro da cidade do Salvador, em nome da liberdade, da igualdade e da fraternidade, mas, sobretudo, em nome da igualdade.

Então é em nome da Revolta dos Búzios e do 2 de Julho, nosso símbolo maior, que eu saúdo Albino e a deputada Neusa Cadore pela homenagem.

Um bom-dia. (Palmas.)

A Sr.^a PRESIDENTE (Neusa Lula Cadore):- Obrigada, Zulu.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore):- Professor Albino, têm pessoas que não estão aqui, mas gostariam muito de estar. Então, vamos ver um vídeo em que essas pessoas também irão lhe homenagear. Vão falar do seu carinho e da sua admiração.

(Apresentação de vídeo.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore):- Finalmente é chegado o momento da entrega da comenda, e eu queria convidar Linda Rubim para se aproximar da Mesa e participar conosco deste ato de entrega.

(A Sr.^a Presidente procede à entrega da homenagem.)

(Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore):- Em nome do Poder Legislativo da Bahia, nós fazemos, com muita satisfação, a entrega da Comenda Dois de Julho ao nosso homenageado, professor Antônio Albino Canelas Rubim. (Palmas)

Registro a presença da nossa querida deputada Maria del Carmen. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore):- E agora é com você, Albino.

O Sr. ANTÔNIO ALBINO CANELAS RUBIM:- Quando eu era secretário não fazia muitas cerimônias assim, não, mas aqui vou fazer um pouco.

Então, primeiro, quero saudar a todos os membros da Mesa: a deputada Neusa Cadore que foi a proponente dessa homenagem; deputada Fátima Nunes; o deputado Federal Afonso Forense; a procuradora Regina Carrilho; o presidente do Conselho Estadual de Cultura, Emílio Tapioca; o vice-reitor da Universidade Paulo César Migueis de Oliveira; o presidente da Fundação Pedro Calmon, Zulu Araújo; meu neto e minha mulher, Guile Rubim e Linda Rubim.

(Lê): “Nesses tempos terríveis, de golpes, retrocessos, ódios e muitas mazelas mais, vocês particularmente a deputada Neusa, a Assembleia Legislativa e todos vocês aqui presentes, me fazem viver um instante de grande alegria e felicidade. Agradeço a todos, à deputada Neusa Cadore, à Assembleia Legislativa da Bahia, aos amigos presentes e aos que não puderam vir. Agradeço, por viver com vocês este momento iluminado de vida. Muito grato a todos e a todas.

Gostaria de expressar minha admiração de longo tempo por Neusa (vou me referir as pessoas menos formalmente) por seu trabalho político, como prefeita, parlamentar e liderança política e comunitária.

Neusa exerce a grande política, no dizer do filósofo Gramsci: política capaz de construir, de transformar vidas, muitas vidas, toda uma comunidade humana. Eu acho que Pintadas condensa e exemplifica a capacidade de Neusa como política. Em tempos de difamação da política do mundo, de um mundo injusto em que vivemos em outro mundo possível e melhor.

Só mesmo Neusa para me fazer usar outra vez o paletó, aposentado desde que deixei a Secretaria de Cultura.

Com o grande político Pepe Mujica, atualmente um sábio, aprendi que os Aymaras têm outra concepção de riqueza, bem mais rica que a nossa ocidental.

Cito: ‘pobre é que não tem comunidade, o que está condenado a estar cercado de solidão’.

A comunidade e os amigos são a riqueza da vida. Não a posse de coisas materiais, nem roupas, bens e mercadorias que ostentamos e que reificam relações. Rico é o que tem e cultiva relações.

Relações como: amizade, companheirismo, solidariedade.

Inevitável lembrar de Lula e seu isolamento forçado. Figura humana tão vital em suas relações humanas. Impedido cruelmente de estar e interagir com pessoas.

Com um Caio Prado Jr. filósofo – meio desconhecido, porque todos conhecem o economista –, aprendi igualmente que produzir conhecimento é tecer relações. Elas são a possibilidade do conhecimento e do pensamento.

Talvez meu jeito de ser, pouco expansivo, não demonstre, como deveria, meu apego às relações e aos amigos. Gostaria de expressar todo o meu apreço e afeto a todos vocês.

Privilegiadas são, quase sempre, as relações familiares. Neste momento importante da minha vida, como não agradecer a meu pai, já falecido e sempre saudoso, a minha mãe, aqui e sempre presente? Como não agradecer à Linda, companheira de a toda vida, (palmas) aos meus queridos filhos Iuri e Tiê, ao meu

querido neto Guile? Como não agradecer a meus irmãos: Fátima, Jorge e Rosane? E as minhas noras: Scheila e Michelle? E a minha ‘sobrinha’ Manuela? A minha sobrinha Leila? Todos me fizeram e me fazem, em maior ou menor graus.

As dívidas com a vida, os amigos e as instituições são muitas. Muitos de vocês estão em mim. Longas e longínquas lembranças são necessárias, e muitos, muitos agradecimentos.

Aos amigos da juventude, das descobertas da vida e do mundo, de aventuras por uma Salvador em que era possível caminhar em sua noite. Edilton, aqui presente, Edson, já falecido, Flávio, Jurandir e os irmãos poetas, também já falecidos, Damário e Daniel.

Ao Ginásio São Bento, Dom Timóteo, Dom Jerônimo, Dom Norberto, Dom Marcos, dons de espiritualidade e abertura para o mundo, inclusive às passeatas de 1968. Aos colegas de então e amigos de toda a vida: Romulo Cravo, Dante Giudice e Paulo Cordeiro...”

Paulo é aquele que aparece no vídeo falando da viagem que nós fizemos. Não vou repetir, já que ele descreveu imensamente bem, mas foi uma viagem muito importante porque me fez – a mim e a Paulo – ter uma relação privilegiada com a América do Sul e com a América Latina.

“(...) Uma América tão maravilhosa, América, às vezes, tão neblina, como cantou Fábio Paes, se referindo aos momentos difíceis que nós vivemos.

Ao Colégio de Aplicação. Ambiente político-cultural estimulante, vivíssimo, apesar da ditadura. Encantado em música pelos Novos Baianos. Recordo, no Colégio Aplicação: Anice Atta e a História, professora de História sempre querida e uma das mais rigorosas do Colégio Aplicação; Zuleica e Solange Lamago: gestando amor pela literatura. Lembro das aulas com Ernest Widmer, que eram puro luxo da conexão Aplicação-UFBA.

Lá conheci Zezéu Ribeiro e muitos colegas, alguns aqui presentes. Colegas como Ana Regina, Claudio Guedes, Cledys Magnavita, Ilka Rebouças, Júlio Guedes, Lígia Vieira; todos, depois, professores da Universidade. Também outros colegas, como: Burerê, Cristina, Leda, Leo, Manoel, Paulinho, Perfil – aqui são os apelidos, Perfil é um apelido –, Selma, Tom, Valente, Vera.

Agradeço profundamente à UFBA e ao seu curso de Jornalismo e Comunicação, mas tenho que confessar que fiquei meio decepcionado. A comparação com o Colégio de Aplicação era inevitável, mas penso como a UFBA mudou para melhor, para além das salas de aula. Outras vivências foram muito importantes no Colégio de Aplicação. Na antiga Escola de Biblioteconomia e Comunicação encontrei colegas importantíssimos, como: Raimundo Mazzei, Renato Pinheiro, Luís Augusto. Queria lembrar muito de meu primo que foi meu colega no Colégio de Aplicação, Clodoaldo Lobo, uma das pessoas mais admiráveis e de maior leitura, que me fez ler e conhecer muitos e muitos autores. Lembro também de Bob Fernandes e Luiz Nova, que foram – eu já saindo da faculdade – colegas, inclusive, companheiros da primeira greve geral que a UFBA registrou no pós-1968, que foi a greve de 1975.

Como não poderia deixar de lembrar também de Ailton Oliveira, aqui presente (palmas), o exemplar funcionário dedicado à UFBA; o saudoso Guido Araújo e o seu amor pelo cinema e pelo um mundo melhor. A todos que lutaram, naquele momento, contra a ditadura, eu queria fazer uma homenagem lembrando de pessoas, como: Manoel José, já falecido, e seu enorme trabalho de reconstrução do DCE da Universidade; Frederico Mendonça, também já falecido, com quem eu trabalhei na Secretaria de Cultura, e seu trabalho maravilhoso em torno do Centro Universitário de Cultura e Arte (CUCA). Queria lembrar do BEBA, que era o Boletim dos Estudantes da Bahia, do Circuito Universitário de Cinema.

Eu fui aluno na universidade até 1975. Em 1976, eu entrei na Faculdade de Comunicação como professor colaborador. Sou imensamente grato a UFBA e assumo, portanto, uma dívida imensa com essa universidade, essa universidade pública, gratuita, democrática, inclusiva, de qualidade criativa. Busco pagar essa dívida com dedicação e trabalho, na vida acadêmica, na gestão e na atuação política na instituição.

Na Faculdade de Comunicação, que ajudei a inventar e que tive a honra de dirigir por três vezes. A Comunicação da antiga EBC, na atual Facom, se transformou imensamente na UFBA. Lá foi construído um dos primeiros cursos de pós-graduação fora do eixo Rio, São Paulo e Brasília, programa que se desenvolveu e que foi muito importante. Quando assumi a presidência da Compós, Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, poucos anos depois, eu vi como esse programa tinha realmente se consolidado.

Já foi referido também aqui algo que acho da maior importância: nós criamos na Faculdade de Comunicação o curso de Produção Cultural, que é, na verdade, o primeiro curso junto com o da Federal Fluminense, em produção cultural do Brasil.

E a Faculdade de Comunicação tem no seu currículo, na sua história, muitas invasões, muitas procissões, muitas modalidades absolutamente criativas de manifestações e movimentações. Foi um período muito rico e um período de muitas lutas para que a gente conseguisse estar no lugar onde estamos hoje, na Faculdade de Comunicação.

Lembro também do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, essa longa denominação e um largo desafio. Vivi a primeira direção, agora ocupada pelo professor Messias Bandeira, e fico me perguntando como foi possível implantar um instituto interdisciplinar no meio de uma UFBA disciplinar, quando a gente aglutinava, muitas vezes, 50 docentes, cinco funcionários, numa pequena sala, e isso permaneceu por mais de um ano, a gente convivendo.

Acho que foi pura magia tudo ter dado certo. O nosso horizonte, naquele momento, era a esperança em um país que se reinventava, reinventava a universidade e se transformava.

Na UFBA, convivi e aprendi com muitos e muitos colegas, hoje muitos deles meus amigos. Assumo o risco de citar alguns e, por certo, esquecer muitos outros. Peço desculpas, desde já, aos esquecidos. Mas como não recordar o professor Ubirajara Rebouças; o professor Antonio Guerreiro, que atualmente está viajando

pela França; o professor Antonio Carlos Mascarenhas; o professor Osvaldo Barreto; o professor Maerbal Marinho, que está aqui presente; o professor Francisco Mesquita; o professor Manoel José; José Sérgio Gabrielli; Ana Fernandes; Marco Aurélio Gomes; Maurício Barreto; Eni Bastos, também aqui presente; Inaiá de Carvalho; Ruthy Laniado, aqui presente; Olival Freire; Flávia Goulart, também aqui presente, nossa incansável diretora da Edufba (palmas); Marcos Palácios; Nadja Miranda; Antônio Dias. Seria longo recordar todos eles.

Eu queria recordar, dentro da faculdade, o Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (Cult), que se tornou hoje um dos maiores centros de estudos e reflexão sobre a cultura no Brasil. Eu queria lembrar de: Ângela Andrade, que esteve comigo logo no início desse centro; Linda; Gica; Renata; Leo; Beto; Delmira; Daniele; todos que participaram intensamente na construção desse centro. E também do outro programa, do outro projeto que é gêmeo e similar, que é o Programa Multidisciplinar de Cultura e Sociedade, o Pós-Cultura, que forma pesquisadores e estudiosos na área de cultura; e também é um programa que tem hoje uma referência nacional e internacional.

Neste momento, não posso deixar de endereçar uma crítica à Capes. Com sua insensibilidade para a novidade MIT-Disciplinar, ela interditou o nosso doutorado. Esse doutorado é vital para a área de cultura, para os estudos multidisciplinares em cultura na Bahia, no Brasil e no mundo. A atitude da Capes é de um retrocesso inexplicável neste país de retrocessos.

Queria lembrar de companheiros do Pós-Cultura, como Eneida Cunha; Renato da Silveira; Paulo César Alves; Paulo Miguez; Adriano Sampaio, aqui presente; José Roberto Severino; Rita Aragão; Linda Rubim; Messias Bandeira; Leandro Colling; Annamaria Palácios; pessoas que compartilharam comigo a construção desse curso.

Não posso deixar de lembrar, neste momento importante da minha vida, da APUB. Cinquenta anos a APUB faz este ano. Cinquenta anos em defesa da universidade e da democracia. Instituições imprescindíveis para a Bahia, o Brasil e o mundo. Não posso deixar de lembrar de: Sofia; Ana Alice; Sílvia; Vera Carvalho – que foram minhas companheiras de chapa quando fui diretor de cultura da Associação –; Joviniano Neto; João Augusto; Claudia Miranda; Luciene Fernandes, que são abnegados dirigentes da Assufba. Certamente, sem a Assufba, sem a APUB, sem o DCE, a UFBA não seria o que ela é, a universidade brasileira não seria o que ela é.

Hoje, a UFBA tem um papel político-cultural-científico vital na conjuntura e na sociedade brasileira e baiana.

Quero declarar meu apoio e pedir votos para João Carlos Sales e Paulo Miguez (palmas). Eles, com sua capacidade de liderança, uniram a UFBA. União essencial no momento dramático em que vivemos, momentos de ataques à educação, à universidade e à democracia no Brasil.

Em campanha, Miguez, reivindico a construção de uma política cultural para a UFBA (palmas). Não posso também olvidar algo que muitos talvez aqui não saibam. Talvez um lado meu obscuro. O estranho itinerário que me levou à Medicina da

Bahiana. Eu queria fazer psicanálise. Na época diziam que para fazer psicanálise tinha que necessariamente ser médico. Gostaria de agradecer o convívio com os colegas psiquiatras, porque me formei em psiquiatria; aos colegas psiquiatras da antipsiquiatria e do movimento antimanicomial (palmas), hoje, também, tão atacados pelas forças retrógradas deste país.

A visita de Franco Basaglia à Bahia em 1978 foi admirável.

Queria agradecer particularmente o convívio com Augusto Conceição e Julieta Palmeira, que foi minha companheira, minha colega de Medicina naquela época; e companheira também de Augusto, na tentativa de fazer movimento estudantil dentro da Bahiana de Medicina.

Naqueles anos de chumbo, de pesadelos e violências, instituições extrauniversitárias tiveram lugar essencial para formar política e culturalmente minha geração.

Como não recordar o ativo ICBA de Roland Schaffner, o corajoso CEAS de Cláudio Perani; e os Cadernos do CEAS, revista crítica que sobreviveu na ditadura.”

Nos cadernos eu publiquei, talvez, os primeiros textos, inclusive um artigo sobre a greve, a grande greve que aconteceu em 1919 em Salvador, que no ano que vem faz um centenário.

(Lê) “Também não posso esquecer minha experiência docente na UFPB - Universidade Federal da Paraíba. A Universidade, ela revirou a vida de João Pessoa e da Paraíba. Verdadeira revolução político-cultural. Nós tivemos alunos que eram filhos de camponeses. Uma universidade pública que foi expandida para todo o estado em plena ditadura militar; as lutas políticas e educacionais da ADUFPB-JP, como se chamava a associação docente; o movimento de mulheres; o movimento LGBT; a transformação de costumes em uma cidade absolutamente provinciana naqueles anos.

Colegas de todo o Brasil compartilharam essa inusitada experiência. No Departamento de Artes e Comunicação, famoso DAC, nós éramos professores que iam do Rio Grande do Sul ao Amazonas.

Agradeço também à UFPB pela gentileza de me conceder o título de Professor Honoris Causa.

E lembro pessoas como: Antonio Fausto Neto, José Luiz Braga, Francisco Foot Hardmann, Arlindo Soares, Elimar Nascimento, Ana Quiroga, Luiz Custódio, Sílvio Frank Alem, Linduarte Noronha, Jomard Muniz de Brito e tantos outros que foram meus colegas na Paraíba.

Tive uma rica experiência também na USP, nos anos 80, em um São Paulo democrático e libertário, distante dos dias de hoje, capturado pelo conservadorismo atual.

Expresso minha admiração por todos os paulistas que resistem em lugares e tempos difíceis.

Saúdo Gabriel Cohn, grande figura humana, rigoroso pensador, estimulante orientador.

Lembro também Fausto Cartilho, Ciro Marcondes Filho, Fernando Azevedo, Rui Coelho, Juarez Brandão, Octávio Ianni, Perseu Abramo, Zilah Abramo, Laís Abramo – aí vocês veem como a família Abramo foi importante nesse momento –, que foram interlocutores interessantes nessa estada paulista, que foi uma estrada de aulas, de pesquisa, de manifestações, greves e do surgimento de um novo Brasil.

Não posso esquecer a experiência argentina, na Buenos Aires querida, na UBA - Universidade de Buenos Aires e na Universidade San Martín, com o professor, pesquisador e querido amigo Rubens Bayardo, e com os colegas argentinos.

Sou grato aos muitos colegas brasileiros e estrangeiros pelas proveitosas convivências acadêmicas e pelos estimulantes diálogos interculturais.”

Eu fiz uma lista deles, mas vou me furtar de ler todos. São pessoas com as quais eu mantenho um profundo diálogo, importantíssimo na minha formação enquanto pesquisador, enquanto pessoa humana.

Agradeço ao CNPq por viabilizar as minhas pesquisas e reflexões. Eu faço parte do corpo de pesquisadores do CNPq há muito tempo.”

E isso tem... quer dizer, nós que fazemos pesquisas buscando ter a maior objetividade possível, somos, na verdade, o tempo todo construídos a partir dessas pesquisas e nossas subjetividades.

Aos companheiros que conviveram comigo no Conselho Estadual de Cultura, eu aprendi muito com eles sobre a complexidade da cultura e seus ricos campos. Pascoalino Magnavita, Lia Robatto, Araken Galvão, Paulo Miguez e tantos outros, eu não vou citar todos, tiveram importância vital nessa conexão cada vez mais forte na cultura.

(Lê) “Sou imensamente grato aos companheiros da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia por vivências e conhecimentos não livrescos nem acadêmicos, mas experimentados em intensa interação com a vida. Tal experiência acentuou uma antiga preocupação com a universidade e o perigo do seu descolamento com a sociedade.

A experiência da Secretaria Estadual de Cultura viabilizou conhecer (como nunca) a Bahia, conviver com cultura e gente da cultura, suas identidades e diversidades, suas dificuldades e criatividade. As caravanas que nós realizamos periodicamente por territórios da Bahia nos educou de Bahia, de cultura e vidas baianas.

Toda a equipe da secretaria se transformou profundamente a partir dessas caravanas.”

Queria também reconhecer toda uma comunidade cultural com a qual nós tivemos contatos nesses anos. Fico muito feliz e agradeço profundamente a Neusa e aos organizadores desse evento por terem colocado aqui, na sua abertura, a Orquestra Santo Antônio. (Palmas) A Orquestra Santo Antônio é um trabalho admirável que é feito em Conceição do Coité. Nós, numa dessas caravanas, passamos por Coité e fomos... Nós já conhecíamos a orquestra, mas não conhecíamos Santo Antônio, o bairro de Santo Antônio. E fomos lá e ficamos admirados não só com a qualidade do trabalho da orquestra, mas também com a ambição extremamente interessante da

orquestra, do teatro que a orquestra constrói, hoje, no bairro de Santo Antônio, em Coité, coisa admirável. Eu fiquei muito feliz que a orquestra estivesse aqui presente.

Eu também iria citar muitas e muitas pessoas, artistas, lideranças de cultura popular, gestores com os quais nós tivemos, naqueles anos, um contato intenso e com os quais aprendi muito da cultura da Bahia, pessoas que transformaram profundamente minha visão de mundo. Mas não vou ler os nomes de todos eles, eu estou preocupado também em não ser muito exaustivo e muito cansativo.

Em relação à minha equipe da Secretaria eu gostaria de agradecer... aí, eu vou listar algumas pessoas: Arany Santana, nossa atual secretária, querida secretária, que eu levei para a Secretaria para dirigir algo importantíssimo, que é o Centro de Culturas Populares e Identitárias. Como a Bahia, esse estado tão rico em culturas populares, tão rico em culturas identitárias não tinha, no âmbito da Secretaria, nenhuma instituição voltada, vocacionada para as culturas populares identitárias, Arany e Cristiane, Cris, aqui presente (palmas), fizeram um trabalho notável de desenvolver a nossa CCPI, como nós chamamos.

Mas queria lembrar também Fátima Fróes, que já saiu, que teve um papel importantíssimo tanto nas relações institucionais como depois, dirigindo a Fundação Pedro Calmon; Nehle Frank, dirigindo a Fundação Cultural; Rômulo Cravo, que foi meu amigo do São Bento e, depois, meu chefe de gabinete.

Mas queria listar aqui muitas e muitas pessoas:

(Lê) “Adriana Jacob, Alexandre Molina, Ana Paula Vargas, Beth Rangel, Carolina Valente, Carlos Paiva, Carlos Prazeres, Carmen Lima, Cristiane Taquari, Cássio Nobre, Déa Mascarenhas, Elizabeth Gándara, Emília Gonçalves, Frederico Mendonça, Henrique Jorge Vermelho, Kuka Matos, Laura Bezerra, Lia Silveira, Marcelo Rezende, Marcondes Dourado, Maria Célia Teixeira, Maria Marighella, Matias Santiago, Milena Brito, Moacir Gramacho, Moisés Peneluc, meu motorista, Monique Badaró, aqui presente, Murilo Ribeiro, aqui presente, Paulo Canuto, Renata Rocha, também aqui presente, Rose Lima, Sandro Magalhães, não presente porque está com uma gripe muito forte, Sofia Federico, Taiane Fernandes, Tiago Pereira, Ubiratan Castro, infelizmente, já falecido, Uilson Pedreira, Vanderley Lessa, o BTCA, a OSBA, Pola Ribeiro, e tantos outros que compartilharam comigo uma experiência importante.”

Eu, que fui durante toda a minha vida, fundamentalmente, um professor e um pesquisador, tive a oportunidade de gerir. Quero agradecer muito por essa oportunidade, um agradecimento muito especial, ao governador Jaques Wagner, que me propiciou essa experiência de dirigir a Secult. (Palmas) Eu que tinha me recusado muitas vezes a sair da universidade quando solicitado a ir para determinados lugares, nessa foi inevitável, não tive como recusar. Porque era, na verdade, colocar em prática muitas das coisas que eu estava estudando, muitas das coisas que eu pesquisava nesse momento. Então era, como se diz, a sopa no mel. Então, eu não pude não aceitar esse convite. Agradeço muito ao governador Jaques Wagner.

(Lê) “A Secult foi um desafio, uma experiência intensa, tensa e divertida. Colocar em prática estudos e pesquisas em políticas culturais foi um desafio e foi uma delícia. Hoje sei muito mais sobre a vida, sobre a Bahia e as políticas culturais.”

Queria lembrar, aqui, uma frase do economista Celso Furtado, nosso grande economista. Ele disse em determinado momento: “O elemento de utopia que necessitamos somente poderá vir das políticas culturais.” É muito interessante um economista dizer isso.

A Secult, portanto, foi uma experiência vital.

Queria aproveitar e agradecer também a Assembleia Legislativa, que me presta hoje esta homenagem, pela sensibilidade desta Assembleia, naquele momento em que fui secretário, com as demandas do campo da cultura.

Durante minha gestão na Secretaria, foi aprovada por unanimidade nesta Casa a Lei Orgânica da Cultura, que já foi referida aqui por Miguez, se não me engano, grande parte dela foi elaborada na gestão de Márcio Meirelles. Quer dizer, a gente tem que lembrar disso, é importantíssimo isso. E o Plano Estadual de Cultura, também aprovado pela unanimidade dos deputados desta Casa. É fundamental ter políticos que sejam parceiros ligados à cultura, parceiros da cultura. Eu queria lembrar, aqui, o sempre saudoso Zezéu Ribeiro, que sempre foi um parlamentar (palmas) absolutamente dedicado ao campo da cultura. Mas queria lembrar, também, outros, alguns aqui presentes: Zé Neto – que era Líder do Governo e que foi muito importante em toda essa tramitação de projetos e, também, em apoio a muitas atividades culturais – Afonso, aqui presente, Aladilce, Alice, Lídice, Marta Rodrigues, Neusa, Waldenor, Sílvio Humberto, Zé Raimundo, Jonas Paulo, Marcelino Galo, Emiliano José, que foram sempre, enquanto tiveram mandatos e têm mandatos, amigos da cultura. É fundamental que a gente tenha amigos da cultura.

Não posso esquecer que a minha vida foi formada pelo PT, Partido dos Trabalhadores, hoje tão atacado e que tantas conquistas trouxe ao povo brasileiro. Lembrar dos primórdios desse partido, das suas lutas quase heroicas, de suas campanhas ricas em imaginação e paupérrimas em recursos financeiros, suas carreatas, que inspiraram, inclusive, brincadeiras de meus filhos: um determinado dia, está lá Thyers fazendo uma porção de carrinho com bandeirinha, brincando de carreata. Essa gênese e essa presença do PT me entusiasmaram, mas entusiasmaram toda uma geração. Queria agradecer a companheiros desses momentos: Zezéu, Gabrielli, Diamantino, Emiliano, Batista, Sérgio Miranda, Pinheiro, Zílton, Solla, Zé Raimundo, Neusa, Afonso, Paulo Pontes, Edval Passos, Sofia, Alice, Israel Pinheiro, Coió, Paulo Henrique, Célio Maranhão, são muitos.

E queria lembrar, particularmente, de alguns militantes de utopia e que partilharam comigo alguns momentos muito agradáveis de fazer política. Um comitê que nós criamos que foi apelidado de Faixa de Gaza, porque nós fizemos a campanha de Lula, mas não fizemos a campanha do candidato a governador, que era o candidato que o PT apoiava naquele momento. Então, eram os radicais da Faixa de Gaza. E, também, os companheiros do Lula Tour. O Lula Tour era um empreendimento que nós fazíamos, andávamos por Salvador e pelo interior, companheiros como Osvaldo

Barreto, Antônio Guerreiro, Rodrigo Veloso, Macalé, Clímaco, Miriam. Nós viajávamos pelo Recôncavo para fazer campanha e, obviamente, depois tomar uma cerveja e outras coisas agradáveis. (Palmas) Rodrigo Veloso sempre insistia: “Vamos lá em casa”. Porque a casa dos Veloso sempre tinha muita comida, boa comida, muitos doces. Então, a gente invariavelmente terminava as nossas caravanas lá em Santo Amaro.

Essa homenagem se transforma em oportunidade de refletir sobre o que sou, quem me habita, que país é este, o país que me fez e que ajuda a fazer. É um experimento assim parecido com fazer um memorial de concurso de titular, só que o memorial de concurso de titular era algo solitário e aqui estou compartilhando um pouco com vocês.

Quero, na verdade, estender essa homenagem a todos que viveram essa vida comigo. Essa foi uma trajetória longa de amigos, de colegas, de pessoas importantes e de experiências vitais em minha vida. Mas quero aproveitar esta oportunidade, se eu não cansar muito vocês, para partilhar também algumas inquietações sobre o mundo e sobre este país que nos encanta e ao mesmo tempo nos apavora. Quero pedir de antemão desculpas a todos que pensam diferente dessas minhas ideias, dessa minha visão, porque respeito profundamente opiniões e visões divergentes, mas faz parte da democracia que sejamos sempre honestos e respeitadamente honestos.

Gostaria de conversar com vocês e trazer algumas reflexões livres ao estilo do ensaio, o famoso texto de Adorno, *O Ensaio como Forma*. Expresso uma outra preocupação também com a universidade, porque a universidade tem se insurgido contra o ensaio a favor do artigo dito científico. O ensaio tem um trato cuidadoso com a beleza da linguagem, com a tessitura criativa e imaginativa do texto, busca ousadamente sempre verdades que são verdades provisórias. Sua liberdade e estilo parecem amedrontar a universidade e amedrontar os parâmetros ditos científicos, de artigos padronizados em formatos pétreos em geral insossos. Então, quero aqui reivindicar uma abertura da universidade maior para a forma ensaio.

Outra preocupação que quero compartilhar com vocês, eu passei na minha vida por várias áreas disciplinares, é uma coisa que eu confesso, acho muito interessante. Sou ultra a favor da institucionalidade, mas me preocupa muito uma institucionalidade que muitas vezes expressa muito mais vontade de poder do que propriamente vontade de conhecer. Essas são experiências traumáticas. As instituições devem ter institucionalidade branda e inteligente que preserve a capacidade de lidar com o inusitado. Acho importante que a universidade pense assim, mas, em tempos terríveis como os que vivemos, até as esperanças e os horizontes são assaltados.

Eu vou pular uma parte para não ficar longo demais, porque eu queria, na verdade, dizer que nós estamos vivendo momentos difíceis, mas esses momentos difíceis também nos trazem alguns efeitos que eu estou chamando aqui de efeitos colaterais. Não pelo meu passado na medicina, que são inesperados, por exemplo, nós vivemos hoje no país algo que escapa aos donos do poder. Quase subterraneamente, em meio a esse mar de sandices, floresce uma profunda revisão na interpretação do

Brasil. Uma figura como Jessé de Souza ocupa, sem dúvida, lugar de destaque nessa reviravolta.

Em lugar de pensar o colonialismo português como a causa maior de nossa barbárie, emerge uma outra interpretação do Brasil onde a cruel experiência da escravidão se coloca como central para o entendimento de nosso país. O trauma da escravidão ganha centralidade para explicar o Brasil. Importa a todos a sua violência longa, dramática e persistente, importa a todos quase 400 anos de escravidão. As 4 milhões de pessoas que foram forçadas a serem escravos do Brasil, as 750 mil pessoas mortas nos navios negreiros, a maior legião de empregadas domésticas do mundo, até há bem pouco tempo vivendo em regime de semiescravidão.

Essas desigualdades, discriminações, preconceitos, privilégios, junto com o horror ao trabalho, especial ao trabalho manual, são heranças que marcam e ferem com ferro em brasas a todos nós. E tornam presentes e persistentes a casa grande e a senzala, que divide, oprime e submete os brasileiros. Como esquecer isso neste momento importante? Desculpem se transformo este ato de amor em inevitáveis lembranças dolorosas, sem elas corremos o risco de ser coniventes com os descabros que ameaçam e assolam o Brasil.

Nós tivemos recentemente..., para não falar só do presente difícil, nós tivemos recentemente o privilégio de ter vivido um processo que buscou a transformação do país pela via democrática entre 2003 e 2016. Falo especialmente do governo Lula com todos os seus erros e acertos, com toda a sua capacidade e sensibilidade política. Gostaria de homenagear Lula e tudo o que ele representou de superação, de tentativa de buscar um caminho de transformação democrática, de construção de um Brasil desenvolvido, justo e com menos privilégios. (Palmas.)

Posso não concordar com todas as suas atitudes, muitas vezes, considero, no meu entender, demasiadamente conciliatórios. Mas, em termos humanos e políticos, não posso aceitar a perseguição impiedosa das elites contra ele.

Eu vou pular também aqui. Eu acho que não vai ser necessário falar de como essas experiências foram importantes e calaram fundo na vida de todos os brasileiros. Como eu sou uma pessoa do campo da cultura, eu só queria dizer que nesse período nós tivemos experiências absolutamente inovadoras, absolutamente criativas, particularmente com o nosso querido ministro Gilberto Gil, que reinventou o ministério da Cultura, o ministério tinha sido criado em 1985 e era um ministério que não dizia grande coisa aos brasileiros, infelizmente. A partir da gestão de Gil, nós temos um ministério criativo, inovador, que pensou políticas culturais, que ampliou, dialogou não apenas com os artistas, com o pessoal do patrimônio, mas dialogou profundamente com as comunidades culturais a partir de programas que são maravilhosos, como Cultura Viva, como Revelando os Brasis e tantos outros. (Palmas) Então, eu acho que esse governo nos legou essa experiência vital, essa experiência ímpar no campo da cultura.

Mas eu queria ainda, abusando um pouco da paciência de vocês, falar um pouco sobre um tema que tem se tornado minha quase obsessão nos últimos tempos. É! Eu vou ler aqui essa passagem. (Lê) “Desculpem, mas, neste instante feliz, tenho

que falar sobre o ódio no Brasil atual. Infelizmente não posso esquecer o ódio. A responsabilidade cidadã impede tal esquecimento, a todos nós. Um dos feitos mais brutais do golpe e de sua construção é o ódio. Ele contaminou a sociedade brasileira como nunca, ele tem dilacerado relações de amigos, de colegas e de famílias. Ele se tornou um dos temas mais relevantes a enfrentar. Se não formos capazes de fazê-lo retroceder, corremos perigos gigantesco de, no presente e no futuro, ver desaparecer democracia, civilidade e convivência entre brasileiros.”

Eu estou pulando umas passagens para não ser muito longo. “Não quero falar do ódio dos autoritários, escravocratas, torturadores e fascistas. Eles, infelizmente, sempre existiram e existem no país. Reflito sobre outro tipo de ódio, talvez ainda mais perigoso.

Retorno à Alemanha nazista...” – retomo porque o texto falava um pouco disso – “... para melhor me fazer entender. Não se trata do ódio dos nazistas, dos convictamente nazistas, das lideranças nazistas. Sempre inaceitável, mas possível de ser explicado pelo recurso às posições de classe, aos interesses, ideologias, preconceitos e fundamentalismos etc. Falo do ódio que conquistou grandes parcelas do povo alemão, pessoas aparentemente de vida normal, boas e humanas. Habitantes de um dos países mais civilizados do mundo, com uma cultura admirável em todas as áreas. Como não lembrar de Goethe, Beethoven, Kant, Hegel, Marx, Nietzsche. Lista quase infinita...

Chamo a atenção para a instalação da barbárie na “civilização”. Esse tema mobilizou a teoria crítica dos frankfurtianos e pensadores e pensadoras como Hanna Arendt e sua noção de banalidade do mal. Não se trata mais da “tranquilizadora” barbárie sempre associada aos “primitivos”, por contraposição aos ditos povos “civilizados”. Trata-se da barbárie entranhada na civilização. Ela, de modo assustador, manipula e torna cúmplices pessoas “normais: afetuosas e afáveis”. O ódio disseminado viabiliza monstruosidades. Como nunca na história, recursos econômicos, culturais, científicos e tecnológicos foram acionados para aniquilar milhões de seres humanos, judeus, comunistas, homossexuais, deficientes, ciganos, democratas. Todos aqueles que o ódio produziu como inimigos e subtraiu sua condição humana.

Impressiona pessoas carinhosas se tornarem agressivas, cúmplices de violências extremas, impermeáveis a argumentos, conversas e discussões, incapazes de ouvir diferentes e de refletir sobre seus objetos de ódio. Impressiona ver o ódio tomar as relações mais cotidianas e tornar as pessoas intransigentes, intolerantes, incomunicáveis, raivosas. Impressiona a capilaridade e o caráter virótico do ódio, contaminando corações e mentes de pessoas normais. Quando isto acontece, a doença da incivilidade e da violência se instala, dá suporte a toda gama de fundamentalismos autoritários e viabiliza os regimes de terror pretendidos por lideranças, estas, sim, umbilicalmente autoritárias, escravocratas e nazistas. ”

Eu tenho me preocupado profundamente com essa questão do ódio. Acho que o ódio se disseminou na sociedade brasileira como nunca. E é um dever de todos nós democratas criar pontes para que isso seja superado. Essas pontes não podem ser criadas deixando de expressar nossas opiniões, mas criando âmbitos e criando

espaços em que essas opiniões possam ser, na verdade, expressas, ouvidas, discutidas, como também as opiniões diferentes.

Eu tenho para mim, infelizmente, que grande parte desse ódio foi construído e disseminado por instituições que não deveriam fazer isso, instituições que são muito caras à democracia, como a imprensa. Eu não tenho nenhuma dúvida de que um dos elementos, um dos motores, um dos disseminadores desse ódio na sociedade brasileira tem sido a imprensa, têm sido os telejornais, têm sido as revistas semanais, tem sido muitas vezes o rádio, muitas vezes as redes sociais, tem sido muitas vezes também o Ministério Público, têm sido muitas vezes, também, parcelas do Poder Judiciário, que são instituições absolutamente importantes para a democracia, para a vida civilizada, para a civilidade que nos faz criar o País que nós pretendemos. Infelizmente, esses setores têm, na verdade, cultivado esse ódio.

Queria fazer, só para terminar, uma ponte entre ódio e outro elemento que se tornou onipresente no Brasil que nós vivemos: um elemento chamado corrupção. Mas aqui não vou falar da corrupção como a maioria dos jornais falam, como os telejornais falam, como as rádios falam. Eu não acho que a corrupção é o maior problema de todos e que nós teremos de passar a pensar só na corrupção. Eu acho que a corrupção pensada dessa maneira é uma construção, uma construção que esconde os verdadeiros problemas deste País, os problemas fundamentais.

Enquanto se fala só de corrupção, determinadas medidas que agredem profundamente os direitos de todos os brasileiros são passadas sem que a mídia dê a atenção que deveria dar a elas, sem que essas questões sejam discutidas. Uma medida que congela os gastos públicos com educação e saúde por 20 anos é uma destruição deste País. E isso não foi discutido profundamente como devia. A reforma trabalhista, que corta direitos consagrados desde os anos 30, não foi discutida, como a reforma da Previdência que se tentou impor neste País. E a gente fica o tempo todo com a cena tomada pela corrupção.

É importante que se supere a corrupção no Brasil? É. Mas se a gente tiver um trabalho em relação à corrupção que seja feito à sério; não da maneira que está sendo feita no País. Da maneira que está sendo feita no País serve muito mais de biombo para esconder os verdadeiros problemas nacionais, serve para a perseguição política de alguns em detrimento de outros, serve como efeito colateral à destruição de grandes empresas brasileiras, o que destrói milhares, quando não milhões, de empregos neste País. Então é isso, na verdade, que nós estamos vendo.

Lembrar, também, que o tema corrupção já foi utilizado em outros momentos. Foi utilizado contra Getúlio, foi utilizado contra Juscelino e foi utilizado contra Jango. Coincidentemente, esses três grandes presidentes foram presidentes que não trabalhavam, que não estavam dentro do script da casa-grande, eram presidentes dissonantes, por razões distintas, por razões diferentes. E contra todos eles o tema da corrupção foi utilizado de várias formas. E vejam, coincidência ou não, acredito que não é coincidência, esse tema tem sido utilizado, também, na América Latina, contra dirigentes que foram também presidentes dissonantes com o que as casas-grandes desses países, as elites desses países, sempre pensavam.

Então eu queria dizer que neste país que nós vivemos, num país que... Eu vou ler um trecho aqui de Luis Felipe Miguel, ele diz que nesse processo que nós estamos vivendo “o resultado foi a produção de um ambiente tóxico para o debate político, cuja superação é um desafio para a restauração de algum grau de civilidade democrática no Brasil.”

Eu acho que é esse o desafio que está sendo colocado neste momento, superar esse ódio que contamina todos, que desqualifica os outros, restabelecer pontes, mas de modo democrático, colocando claramente posições e brigando para que essas posições possam ser expressas sem que violências sejam cometidas a partir das diversas posições que estejam...

Neste momento, eu acho que nós somos instados a ser democráticos, ser radicalmente democráticos, já que as classes dominantes neste país abdicaram da democracia. Eu acredito, como o saudoso baiano Carlos Nelson Coutinho, que a democracia é um valor universal. E como um italiano, um italiano importante, Pietro Ingrao, eu acho que neste momento nós temos que lutar cada vez mais para socializar a política, pensar que o socialismo não é apenas ou fundamentalmente a socialização dos meios de produção, mas é a socialização da política, a socialização do poder.

Sem empoderar a população em sua diversidade de agentes políticos, sem desconcentrar o poder na sociedade, nós não teremos nenhuma condição de buscar a utopia que todos nós desejamos, uma utopia que Gramsci chamou de “sociedade regulada”, eu acho que é um termo muito interessante para pensar essa utopia que nós temos.

Então eu queria fechar com uma frase que eu acho genial, não é de nenhum grande pensador, mas é de um grande cineasta brasileiro chamado Jorge Furtado. Ele diz o seguinte: “Fazer cultura é combater sempre nas fronteiras do impossível. Fazer política é expandir sempre as fronteiras do possível.”

Então essa homenagem que a Assembleia me presta, essa homenagem tem como centro a questão da emancipação do povo baiano, a data simbólica do 2 de Julho. Na verdade, impõe a todos nós, não só ao homenageado, mas a todos nós, um desafio imenso: é o desafio de fazer com que esse quadro complicado a partir do golpe midiático, parlamentar, jurídico... que nós sejamos capazes de... como há 200 anos ou há quase 200 anos, nós baianos e brasileiros fomos capazes de resolver e pensar a questão do nosso país, lutar gloriosamente na Bahia pela independência do Brasil na Bahia. Que nós sejamos capazes, nesses quase 200 anos, de enfrentar esses desafios e reestabelecer neste país a democracia, a convivência democrática, civilizada, o respeito à diversidade. E buscar que este país seja um país muito mais justo, que este país seja um Brasil para todos os brasileiros e não apenas para uma pequena elite que o tempo todo, historicamente, se beneficiou do país. Que seja um país acolhedor. Que acolha todo o povo brasileiro. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore):- A gente quer agradecer a essa fala brilhante, compartilhar a esperança, desafio. Nós vamos ter esse material disponível

em fita, e quem quiser, depois, a gente pode distribuir. Para finalizar com a Orquestra Santo Antônio, vamos agora ao hino da Bahia, coroando este momento.

(Execução do hino da Bahia.)

(Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore):- Em nome da Assembleia Legislativa, agradeço a presença das autoridades civis, militares, dos amigos, dos familiares do homenageado, a presença das deputadas, dos deputados, da imprensa, dos grupos culturais que estão aqui conosco, e, em nome de Deus que nos guia, declaro encerrada a presente sessão.

(Palmas)

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.